

FRANK HERBERT

# HEREGES DE DUNIA







FRANK HERBERT

HEREGES  
DE

DUN

NA

1ª EDIÇÃO

SÉRIE DUNA - VOLUME V

TRADUÇÃO  
CHRISTIANE ALMEIDA E  
MARCOS FERNANDO DE BARROS LIMA



ALEPH

## Enquanto eu escrevia Duna

... não havia espaço em minha mente para preocupações sobre o sucesso ou o fracasso do livro. Estava preocupado somente em escrever. Seis anos de pesquisa precederam o dia em que me sentei para dar forma à história. O entrelaçamento das diversas camadas da trama que eu planejava requeria um grau de concentração que eu jamais experimentara.

Deveria ser uma história que explorasse o mito do Messias.

Deveria produzir outra visão sobre um planeta habitado pelos homens, considerando-o uma máquina de energia.

Deveria penetrar nos manejos intrincados da política e da economia.

Deveria ser uma verificação de previsões absolutas e de suas ciladas.

Deveria haver nela um entorpecente da consciência e deveria descrever o que aconteceria nos casos de dependência de tal substância.

Água potável seria uma analogia para o petróleo e para a água em si, uma substância cujo abastecimento diminuiria a cada dia.

Deveria ser um romance ecológico, portanto, com diversas conotações, bem como uma história sobre pessoas e suas inquietações humanas sobre valores humanos, e eu teria de monitorar cada um desses níveis em cada etapa do livro.

Não existia muito espaço na minha cabeça para pensar em outra coisa.

Seguindo a publicação inicial, os pareceres dos editores eram tediosos e, como acabou se provando, imprecisos. Os críticos arrasaram o livro. Mais de doze editoras o rejeitaram antes da

publicação. Não havia publicidade. Entretanto, algo acontecia lá fora.

Por dois anos, fui soterrado por reclamações vindas de livrarias e leitores que não conseguiam comprar o livro. O *Whole Earth Catalog*<sup>1</sup> o elogiara. Eu recebia telefonemas e pessoas me perguntavam se eu estava criando uma seita.

A resposta: “Por Deus, não!”.

O que descrevo aqui é a percepção vagarosa do sucesso. À época em que os primeiros três livros das crônicas de Duna foram concluídos, havia poucas dúvidas de que era uma obra popular – uma das mais populares da história, segundo me dizem, com cerca de dez milhões de cópias vendidas pelo mundo. Neste momento, a pergunta mais comum feita pelas pessoas é: “O que esse sucesso significa para você?”.

Ele me surpreende. Tampouco esperava um fracasso. Era um trabalho e eu o fiz. Partes de *Messias de Duna* e *Filhos de Duna* foram escritas antes que *Duna* fosse concluído. Os livros ganharam mais corpo durante sua escrita, mas a história essencial permaneceu intacta. Eu era um escritor e estava escrevendo. O sucesso significava que eu poderia passar mais tempo escrevendo.

Ao lembrar essa época, percebo que fiz a coisa certa de forma instintiva. Não se escreve pelo sucesso. Isso tira parte de atenção da escrita. Se você realmente está escrevendo, isso é tudo o que se está fazendo: escrevendo.

Existe um pacto tácito entre o autor e o leitor. Se alguém entra em uma livraria e deposita um dinheiro conquistado com suor (energia), deve-se a essa pessoa alguma forma de entretenimento e tudo o mais que se possa oferecer.

Essa foi a minha intenção o tempo todo.

**Frank Herbert**

**A maior disciplina é a disciplina oculta,  
projetada não para liberar, mas para limitar.  
Não pergunte “por quê?”. Tenha cautela com  
o “como?”. O “por quê?” leva  
inexoravelmente ao paradoxo. “Como?”  
deixa-o aprisionado em um universo de  
causa e efeito. Ambos negam o infinito.**

**– Textos apócrifos de Arrakis**

– Taraza lhe contou que passamos por onze daqueles gholas Duncan Idaho, não foi? Esse é o décimo segundo.

A velha Reverenda Madre Schwangyu falou com amargura deliberada enquanto olhava para baixo, a partir do parapeito do terceiro andar, para a criança que brincava sozinha no gramado cercado. A luz do sol, brilhante ao meio-dia do planeta Gammu, propagava-se nas paredes brancas do pátio, banhando a área entre elas com resplendor, como se um holofote estivesse direcionado para o pequeno ghola.

*Passamos!,* pensou a Reverenda Madre Lucilla. Ela se permitiu um curto aceno de cabeça, refletindo sobre quão impessoais e frios eram os modos de Schwangyu, bem como sua escolha de palavras. *Esgotamos nossos suprimentos; envie-nos mais!*

A criança no gramado parecia ter cerca de doze anos-padrão de idade, mas as aparências podiam ser enganosas para um ghola cujas memórias originais ainda não haviam sido despertadas. O menino aproveitou o momento para olhar para cima, para aquelas que o vigiavam. Era uma figura robusta, com um olhar direto que focava intencionalmente debaixo de sua massa de cabelos negros de cabrito. O brilho de sol amarelo do começo de primavera lançava

uma pequena sombra em seus pés. Sua pele era de um tom bronzeado escuro, mas um suave movimento de seu corpo deslocou o traje único azul, revelando a brancura da pele na região do ombro esquerdo.

– Esses gholas custam caro e, além disso, são extremamente perigosos para nós – disse Schwangyu. Sua voz saiu monótona e sem emoção, e ainda mais poderosa em razão disso. Era a voz de uma Reverenda Madre instrutora dirigindo-se a uma reles acólita, e enfatizava para Lucilla que Schwangyu era uma daquelas que protestavam abertamente contra o projeto ghola.

Taraza avisara: “Ela tentará fazer com que você mude de lado”.

– Onze falhas já são o bastante – Schwangyu disse.

Lucilla relanceou a face enrugada de Schwangyu e, de repente, pensou: *Um dia também serei velha e encarquilhada. Talvez, então, eu seja poderosa entre as Bene Gesserit, assim como ela.*

Schwangyu era uma pequena mulher com várias marcas de envelhecimento adquiridas em decorrência dos afazeres da Irmandade. Lucilla sabia, em razão de seus estudos e exercícios, que o convencional vestido negro de Schwangyu escondia um corpo franzino que poucos, além de suas acólitas camareiras e dos indivíduos do sexo masculino com os quais ela procriara, já haviam visto. A boca de Schwangyu era larga, o lábio inferior contraído pelas marcas da idade que avançavam até seu queixo proeminente. Seus modos tendiam a uma brusquidão seca que os não iniciados interpretavam, várias vezes, como raiva. A comandante do Forte de Gammu era uma das irmãs mais reservadas, em comparação às outras Reverendas Madres.

Mais uma vez, Lucilla desejou conhecer toda a extensão do projeto ghola. Taraza desenhara a linha divisora de maneira clara o

suficiente, contudo “não se deve confiar em Schwangyu no que diz respeito à segurança do ghola”.

– Achamos que os próprios Tleilaxu assassinaram a maioria dos onze gholas anteriores – disse Schwangyu. – Tal fato, por si só, já deveria nos indicar algo.

Imitando os modos de Schwangyu, Lucilla adotou uma postura serena de espera, quase desprovida de emoções. Tal atitude transmitia: “sou bem mais jovem que você, Schwangyu, mas também sou uma plena Reverenda Madre”. Ela podia sentir o olhar frio de Schwangyu.

Schwangyu vira os hologramas dessa Lucilla, mas a mulher em carne e osso era ainda mais desconcertante. Uma Impressora muito bem treinada, sem dúvida. Olhos de azul-sobre azul, sem a correção de lente de qualquer espécie, davam a Lucilla uma expressão penetrante que acompanhava seu longo rosto oval. Com o capuz de seu manto de aba negro jogado para trás, como estava naquela ocasião, o cabelo castanho se revelava, preso com firmeza por uma fivela e se derramando em cascata ao longo das costas. Nem mesmo o vestido de tecido mais espesso era capaz de esconder de forma completa os seios volumosos de Lucilla. Ela vinha de uma linha genética famosa por sua natureza maternal e já havia gerado três filhos para a Irmandade, dois do mesmo pai. Sim... uma sedutora de cabelos castanhos, com seios fartos e disposição maternal.

– Você fala muito pouco – observou Schwangyu. – Isso quer dizer, para mim, que Taraza a alertou a meu respeito.

– Você tem razões para acreditar que assassinos atentarão contra a vida desse décimo segundo ghola? – perguntou Lucilla.

– Eles já tentaram.

*Estranho como a palavra “heresia” vem à mente quando considero Schwangyu,* refletiu Lucilla. Poderia existir heresia entre as Reverendas Madres? As conotações religiosas da palavra “heresia” pareciam inapropriadas no contexto Bene Gesserit. Como poderiam existir movimentos hereges entre pessoas que mantinham uma atitude profundamente manipuladora em relação a tudo que fosse religioso?

Lucilla voltou sua atenção para o gholá, que naquele momento dava uma série de cambalhotas, descrevendo um círculo completo até parar mais uma vez e fitar as duas observadoras no parapeito.

– Como ele desempenha lindamente! – Schwangyu escarneceu. A voz velha não mascarava uma violência subliminar.

Lucilla relanceou o olhar para Schwangyu. *Heresia*. Dissidência não era a palavra certa. Oposição não refletia o que ela podia sentir naquela velha senhora. Era algo que seria capaz de despedaçar as Bene Gesserit. Revolta contra Taraza, contra a Reverenda Madre Superiora? Impensável! Madres Superiores eram talhadas como monarcas. Uma vez que Taraza aceitara deliberar e ser aconselhada, e só *depois* tomava sua decisão, as irmãs eram obrigadas a obedecer.

– Essa não é hora para criar novos problemas! – disse Schwangyu.

O que ela queria dizer estava claro. O povo da Dispersão estava voltando e a intenção entre alguns dos Perdidos ameaçava a Irmandade. *Honoráveis Matres!* Como essas palavras soavam próximas a “Reverendas Madres”.

Lucilla arriscou uma nova investida:

– Então a senhora acredita que devíamos nos concentrar no problema daquelas Honoráveis Matres da Dispersão?

– Concentrar! Ha! Elas não têm nossos poderes. Não demonstram bom senso. Não detêm maestria sobre o mélange! É isso que elas cobiçam de nós, nosso conhecimento profundo sobre a especiaria.

– Talvez – concordou Lucilla, que não estava disposta a ceder diante de evidência tão escassa.

– A Madre Superiora Taraza deve ter perdido totalmente o juízo para desperdiçar tempo com essa coisa ghola neste exato momento – disse Schwangyu.

Lucilla permaneceu em silêncio. O projeto ghola tocara, definitivamente, em uma ferida antiga e sensível da Irmandade. A possibilidade, mesmo remota, de que elas fossem capazes de despertar outro Kwisatz Haderach fazia com que todas as hierarquias da Irmandade tremessem de medo irascível. Lidar com aqueles resquícios em forma de verme do Tirano! Era perigoso ao extremo.

– Jamais devíamos ter levado aquele ghola para Rakis – resmungou Schwangyu. – Que os vermes adormecidos descansem!

Lucilla voltou mais uma vez sua atenção para a criança-ghola. O garoto havia dado as costas para o parapeito alto onde estavam as duas Reverendas Madres, mas algo relacionado à sua postura indicava o conhecimento de que ele era o assunto discutido pelas duas, e o jovem esperava a resposta delas.

– Você percebe, sem dúvida, que foi convocada enquanto ele ainda está muito jovem – disse Schwangyu.

– Nunca ouvi falar de impressão profunda em alguém tão jovem – concordou Lucilla. Ela se permitiu um tom que zombasse levemente de si mesma, algo que ela sabia que Schwangyu iria captar e interpretar de maneira errada. O gerenciamento da procriação e de todas as necessidades derivadas eram a

especialidade definitiva das Bene Gesserit. “Use amor, mas o evite”, Schwangyu estaria pensando naquele instante. As analistas da Irmandade conheciam as raízes do amor. Elas examinaram o assunto bem cedo durante seu desenvolvimento, mas nunca ousaram eliminá-lo daqueles que eram influenciados por esse sentimento. Tolerar o amor, mas guardar-se contra ele; essa era a regra. Saber que o amor jaz dentro e profundo na composição genética humana, agindo como uma rede de segurança para garantir a continuidade da espécie. Deve-se usá-lo quando necessário, imprimindo indivíduos selecionados (às vezes um sobre o outro), seguindo os propósitos da Irmandade, sabendo que nestas ocasiões tais indivíduos seriam ligados por elos poderosos, elos que não estariam prontamente disponíveis à percepção comum. Outros podem observar esses elos e traçar as consequências, mas aqueles ligados entre si dançariam conforme a música do inconsciente.

– Não estava sugerindo que seria um erro imprimi-lo – disse Schwangyu, interpretando de maneira equivocada o silêncio de Lucilla.

– Agimos de acordo com nossas ordens – retrucou Lucilla. Deixou que Schwangyu pensasse o que quisesse.

– Sendo assim, você não faz nenhuma objeção quanto a levar o gholá até Rakis – concluiu Schwangyu. – Pergunto-me se você continuaria com essa obediência inquestionável se soubesse de toda a história.

Lucilla suspirou profundamente. Será que todo o projeto dos gholas Duncan Idaho seria compartilhado com ela justo agora?

– Existe uma menina chamada Sheeana Brugh em Rakis – continuou Schwangyu. – Ela é capaz de controlar os vermes gigantes.

Lucilla disfarçou seu estado de alerta. *Vermes gigantes. Não Shai-hulud. Não Shaitan. Vermes Gigantes.* O montarenador previsto pelo Tirano finalmente surgira!

– Não sou de tagarelar – disse Schwangyu, enquanto Lucilla permanecia em silêncio.

*Realmente não, pensou Lucilla. E você nomeia uma coisa pelo seu rótulo descritivo, não pelo nome com seu significado místico. Vermes gigantes. E você está realmente pensando no Tirano, Leto II, cujo sonho sem fim é carregado como uma pérola de percepção em cada um daqueles vermes. Ou pelo menos é nisso que somos levadas a acreditar.*

Schwangyu acenou com a cabeça em direção à criança no gramado abaixo delas.

– Você acha que o ghola deles será capaz de influenciar a menina que controla os vermes?

*Finalmente estamos atravessando a camada inicial,* pensou Lucilla. Ela respondeu:

– Não tenho necessidade da resposta para este tipo de pergunta.

– Você é bem cautelosa – disse Schwangyu.

Lucilla arqueou as costas e alongou-se. *Cautelosa? De fato!* Taraza a advertira:

– No que concerne a Schwangyu, você deve agir com extrema cautela, mas com rapidez. Temos um curto espaço de tempo dentro do qual podemos ser bem-sucedidas.

*Bem-sucedidas em quê?*, Lucilla se perguntava. Ela relanceou na direção de Schwangyu com o canto dos olhos.

– Não vejo como os Tleilaxu puderam ter assassinado onze desses gholas. Como ultrapassaram nossas defesas?

– Temos o bashar agora – disse Schwangyu. – Talvez ele seja capaz de prevenir desastres. – Seu tom de voz indicava que ela não

acreditava nisso.

A Madre Superiora Taraza dissera:

– Você é a Impressora, Lucilla. Quando chegar a Gammu, reconhecerá uma parte do padrão. Entretanto, para realizar sua tarefa, você não precisa de todo o projeto.

– Pense nos gastos! – disse Schwangyu, olhando de maneira fixa para o gholá, que agora estava agachado, puxando tufo de grama.

Os gastos não tinham nada a ver com isso, Lucilla sabia. A admissão aberta de fracasso era muito mais importante. A irmandade não podia revelar sua falibilidade, mas o fato de uma Impressora ser convocada mais cedo... isso era vital. Taraza sabia que a Impressora entenderia isso e reconheceria como sendo parte do padrão.

Schwangyu gesticulou com uma de suas mãos ossudas para a criança, que havia retornado a sua brincadeira solitária, correndo e dando cambalhotas sobre a grama.

– Política – disse Schwangyu.

*Não havia dúvidas de que a política da Irmandade jazia no centro da heresia de Schwangyu*, pensou Lucilla. O caráter delicado do cerne da questão podia ser deduzido do fato de Schwangyu ter sido colocada no comando daquele Forte em Gammu. Aquelas que se opunham a Taraza se recusavam a ser colocadas de lado.

Schwangyu se virou e olhou direto para Lucilla. Já fora dito o suficiente. O suficiente já fora ouvido e filtrado pelas mentes treinadas na percepção Bene Gesserit. A Casa Capitular escolhera Lucilla com muito cuidado.

Lucilla sentiu o exame cuidadoso da mulher mais velha, mas se recusou a deixar que ela tocasse aquele sentimento íntimo de propósito, com o qual toda Reverenda Madre podia contar quando estivesse sob pressão. *Pronto. Deixe que olhe completamente para*

*mim.* Lucilla se virou e ajustou os lábios em um sorriso suave, percorrendo o telhado em frente a elas com seu olhar.

Um homem vestindo um uniforme e com um armalês de grande porte apareceu lá, olhou uma vez para as duas Reverendas Madres e depois se focou na criança abaixo deles.

– Quem é aquele ali? – perguntou Lucilla.

– Patrin, o assessor de confiança do bashar. Diz que é apenas ordenança do bashar, mas você teria que ser cega e tola para acreditar nisso.

Lucilla examinou o homem diante delas com cautela. Então, aquele era Patrin. Natural de Gammu, Taraza dissera. Escolhido para aquela tarefa pelo próprio bashar. Magro e loiro, velho demais para estar na ativa, mas o bashar o chamara de volta da reserva e insistira para que Patrin compartilhasse esse serviço.

Schwangyu notou a forma como Lucilla transferira sua atenção de Patrin para o ghola com preocupação genuína. Sim, se o bashar fora chamado de volta para guardar o Forte, certamente o ghola estava correndo um perigo extremo.

Lucilla se sobressaltou, demonstrando uma surpresa repentina.

– Por que... ele está...

– Ordens de Miles Teg – respondeu Schwangyu, citando o nome do bashar. – Todas as brincadeiras do ghola são brincadeiras de treinamento. Seus músculos devem estar preparados para o dia em que ele for restaurado a sua personalidade original.

– Mas o que ele está fazendo lá embaixo não é um simples exercício – Lucilla observou. Ela sentiu seus próprios músculos respondendo de forma simpática ao treinamento recordado.

– Conservamos em segredo desse ghola somente os arcanos da Irmandade – disse Schwangyu. – Quase todo o resto de nosso repositório de conhecimento pode ser dele. – Seu tom deixava claro

que ela considerava esse compartilhamento de saber extremamente questionável.

– Com certeza ninguém acredita que esse gholá pode se transformar em outro Kwisatz Haderach – contestou Lucilla.

Schwangyu simplesmente deu de ombros.

Lucilla se manteve bem imóvel, pensando. Seria possível que o gholá se transformasse em uma versão masculina de uma Reverenda Madre? Poderia esse Duncan Idaho aprender a olhar para dentro, onde nenhuma Reverenda Madre ousara?

Schwangyu começou a falar, sua voz quase um murmúrio raivoso:

– O esboço desse projeto... eles têm um plano muito perigoso. Podem cometer o mesmo erro... – Ela interrompeu a fala.

*Eles*, pensou Lucilla. *O gholá deles*.

– Eu daria tudo para ter certeza de qual é a opinião de Ix e das Oradoras Peixe sobre esse assunto – disse Lucilla.

– Oradoras Peixe! – Schwangyu balançou a cabeça só de pensar nas remanescentes do exército feminino que um dia servira exclusivamente ao Tirano. – Elas acreditam em verdade e justiça.

Lucilla superou um aperto súbito na garganta. A declaração de Schwangyu havia sido quase uma oposição aberta. Ainda assim, ela comandava aquele lugar. A regra política era simples: aqueles que se opunham ao projeto deviam monitorá-lo de forma que, ao primeiro sinal de problema, ele pudesse ser abortado. Contudo, aquele era um gholá Duncan Idaho genuíno, ali embaixo, no jardim. Comparação celular e Proclamadoras da Verdade já haviam confirmado.

Taraza dissera:

– Você deve ensinar a ele o amor em todas as suas formas.

– Ele é tão jovem – Lucilla comentou, mantendo a atenção no gholá.

– Jovem, sim – Schwangyu retrucou. – Então, por ora, presumo que você despertará suas respostas infantis para a afeição maternal. Depois... – Schwangyu deu de ombros.

Lucilla não demonstrou qualquer reação emocional. Uma Bene Gesserit obedecia. *Sou uma Impressora*. Portanto... as ordens de Taraza e o treinamento especializado de Impressora definiam um curso particular dos eventos.

Lucilla perguntou a Schwangyu:

– Existe alguém que se parece comigo e fala com a minha voz. Estou imprimindo para ela. Posso perguntar quem ela é?

– Não.

Lucilla permaneceu em silêncio. Ela não esperava revelação, mas já haviam lhe dito mais de uma vez que ela ostentava uma semelhança impressionante com a Madre Chefe Superiora de Segurança, Darwi Odrade. “Uma *jovem Odrade*”, Lucilla ouvira em diversas ocasiões. Tanto Lucilla quanto Odrade faziam parte, é claro, da linhagem Atreides, com alto histórico de reprodução dos descendentes de Siona. As Oradoras Peixe não tinham o monopólio *daqueles* genes, mas as *Outras Memórias* de uma Reverenda Madre, mesmo com a seletividade linear e o confinamento ao lado feminino, forneciam pistas importantes do traçado geral do projeto gholá. Lucilla, que viera a depender, em suas experiências, da persona de Jéssica, sepultada cerca de cinco mil anos antes das manipulações genéticas da Irmandade, teve uma profunda sensação de apreensão vinda daquela fonte naquele exato instante. Havia um padrão familiar aqui. Tal padrão emanava um sentimento tão intenso de fatalidade que Lucilla recorreu, de forma automática,

à Litania Contra o Medo, como lhe fora ensinada em sua primeira introdução aos ritos da Irmandade.

*“Não terei medo. O medo mata a mente. O medo é a pequena morte que leva à aniquilação total. Enfrentarei meu medo. Permitirei que passe por cima e através de mim. E, quando tiver passado, voltarei o olho interior para ver seu rastro. Onde o medo não estiver mais, nada haverá. Somente eu restarei.”*

A calma retornou a Lucilla.

Schwangyu, pressentindo parte disso, permitiu-se baixar um pouco a própria guarda. Lucilla não era simplória, não era uma Reverenda Madre *especial* com um título vazio e um conhecimento que mal poderia ser considerado suficiente para agir sem causar embaraço à Irmandade. Lucilla era uma legítima Reverenda Madre e não se podia esconder certas reações dela, nem mesmo reações de outra Reverenda Madre. Muito bem, ela que aprendesse a extensão completa da oposição a esse projeto tolo e perigoso!

– Acho que o ghola não sobreviverá para ver Rakis – disse Schwangyu.

Lucilla não comentou.

– Conte-me sobre os amigos dele – disse ela.

– Ele não tem amigos; só professores.

– Quando vou encontrá-los? – Ela manteve o olhar no parapeito em frente, onde Patrin se encostava, de forma despretensiosa, em um pilar baixo, seu armalês pesado de prontidão. Lucilla percebeu, em um choque abrupto, que Patrin estava olhando para ela. Patrin era uma mensagem do bashar! Schwangyu obviamente viu e entendeu. *Nós o protegemos!*

– Presumo que seja Miles Teg quem você está tão ansiosa para encontrar – respondeu Schwangyu.

– Dentre outros.

– Antes disso, não deseja fazer contato com o ghola?

– Já fiz contato com ele – Lucilla acenou com a cabeça na direção do pátio fechado, de onde a criança mais uma vez permaneceu quase imóvel e olhando para ela. – Ele é daqueles pensativos.

– Tenho apenas relatórios sobre os outros – disse Schwangyu –, mas suspeito que este seja o mais pensativo da série.

Lucilla reprimiu um dar de ombros involuntário em resposta à oposição tão imediata e violenta nas palavras e na atitude de Schwangyu. Não havia indícios que sugerissem que a criança abaixo delas compartilhava uma humanidade comum.

Enquanto Lucilla refletia sobre isso, nuvens cobriram o céu, como o faziam de maneira frequente ali àquela hora. Um vento frio soprou sobre as paredes do Forte, rodopiando ao redor do pátio. A criança se virou e acelerou o andamento de seus exercícios, esquentando-se com o aumento da atividade.

– Para onde ele vai quando quer ficar sozinho? – perguntou Lucilla.

– Na maioria das vezes, para o quarto dele. Tentou algumas fugas perigosas, mas desencorajamos esse comportamento.

– Ele deve nos odiar em demasia.

– Tenho certeza disso.

– Terei que lidar com essa questão diretamente.

– Certamente, uma Impressora não duvida de sua habilidade de superar o ódio.

– Eu estava pensando em Geasa. – Lucilla lançou um olhar compreensivo para Schwangyu. – Acho espantoso que deixassem Geasa cometer tal erro.

– Não interfiro com o progresso normal da instrução do ghola. Se uma de suas professoras desenvolve uma afeição real por ele, isso

não é problema meu.

– Uma criança atraente – disse Lucilla.

Elas permaneceram ali um pouco mais, observando o ghola Duncan Idaho em sua brincadeira de treinamento. Ambas as Reverendas Madres pensaram rapidamente em Geasa, uma das primeiras professoras ali levadas para o projeto ghola. A atitude de Schwangyu era óbvia: *Geasa foi uma falha providencial*. Lucilla pensou apenas: *Schwangyu e Geasa complicaram minha tarefa*. Nenhuma das duas permitiu se demorar em como esses pensamentos reafirmavam suas lealdades.

Enquanto observava a criança no pátio, Lucilla começou a apreciar de uma nova forma tudo aquilo que o Tirano Imperador Deus de fato alcançara. Leto II empregara esse tipo ghola durante incontáveis gerações; cerca de três mil e quinhentos anos deles, um após o outro. O Imperador Deus Leto II não fora uma simples força da natureza. Ele fora o maior rolo compressor em história humana, passando por cima de tudo: sistemas sociais, ódios naturais e não naturais, formas de governo, rituais (fossem esses tabus ou obrigatórios), religiões casuais e fervorosas. O peso esmagador da passagem do Tirano não deixara nada sem algum vestígio dele, nem mesmo as Bene Gesserit.

Leto II chamara isso de “O Caminho Dourado” e esse ghola tipo Duncan Idaho abaixo dela figurava em destaque naquela passagem impressionante. Lucilla estudara os relatos das Bene Gesserit, que provavelmente eram os melhores do universo. Mesmo hoje, na maioria dos antigos Planetas Imperiais, os recém-casados ainda aspergiam gotas de água a leste e a oeste, recitando a versão local de “Deixe que Vossas bênçãos fluam de volta até nós a partir dessa oferenda, Oh Deus de Poder Infinito e Misericórdia Infinita”.

Certa vez, fora tarefa das Oradoras Peixe e de seus sacerdotes domesticados fazer cumprir tal obediência, mas a coisa desenvolveu seu próprio *momentum*, transformando-se em uma compulsão difundida. Mesmo os mais céticos dentre os crédulos diziam:

– Ora, não pode fazer mal.

Era um feito que as melhores engenheiras religiosas da Missionaria Protectora Bene Gesserit admiravam com frustração perplexa. O Tirano superara as melhores Bene Gesserit. E 1,5 mil anos após a morte do Tirano, a Irmandade continuava incapaz de desvendar o nó central daquela realização aterradora.

– Quem ficou responsável pelo treinamento religioso da criança?  
– perguntou Lucilla.

– Ninguém – respondeu Schwangyu. – Por que se importar? Se ele for reavivado com suas memórias originais, terá suas próprias ideias. Lidaremos com elas caso seja necessário.

A criança abaixo delas completou sua bateria de exercícios do treinamento. Sem olhar de novo para as vigilantes no parapeito, ele deixou o pátio cercado e entrou em uma larga passagem à esquerda. Patrin também abandonou sua posição de guarda sem lançar um olhar para as duas Reverendas Madres.

– Não se engane com o pessoal de Teg – avisou Schwangyu. – Eles têm olhos na parte de trás da cabeça. A mãe biológica de Teg, você sabe, era uma de nós. Ele ensina àquele gholá coisas que nunca deveriam ser compartilhadas!

**Explosões também são compressões do tempo. Todas as mudanças observáveis no universo natural são explosivas até um certo nível e de algum ponto de vista; caso contrário vocês nunca as perceberiam. A Continuidade Suave da mudança, se for desacelerada o suficiente, não será percebida pelos observadores, cuja extensão de tempo/atenção é muito curta. Assim, digo a vocês, vi mudanças que vocês jamais teriam notado.**

**– Leto II**

No Planeta Casa Capitular, a mulher de pé à luz da manhã, do lado oposto da mesa em relação à Reverenda Madre Superiora Alma Mavis Taraza, era alta e flexível. O longo manto aba que a cobria, dos ombros até o chão, não era capaz de esconder completamente a graça com a qual o corpo dela expressava cada movimento.

Taraza se inclinou para a frente em sua cãodeira e examinou o Retransmissor de Registros, que projetava os glifos condensados das Bene Gesserit por sobre a mesa, onde só ela conseguia ver.

“Darwi Odrade”, o mostrador identificou a mulher de pé e em seguida trazia sua biografia essencial, a qual Taraza já conhecia em detalhes. O mostrador servia para inúmeros propósitos: fornecia lembretes seguros à Madre Superiora, permitia um atraso ocasional para considerações enquanto ela parecia examinar os registros e seria um argumento final caso algo negativo decorresse daquela entrevista.

Odrade havia concebido dezenove crianças para as Bene Gesserit, Taraza observou assim que a informação passou diante de seus olhos. Cada criança era de um pai diferente. Nada havia de excepcional sobre isso, mas mesmo o olhar mais perscrutador podia notar que esse serviço essencial para a Irmandade não havia avolumado em absoluto a carne do corpo de Odrade. Suas feições transmitiam uma altivez natural pelo nariz alongado, e eram complementadas pelas bochechas angulares. Todo o seu rosto se alongava para baixo, em direção a seu queixo fino. Os lábios, contudo, eram cheios e prometiam uma paixão que ela controlava com cautela.

*Sempre podemos confiar nos genes dos Atreides,* pensou Taraza.

A cortina de uma janela tremulou atrás de Odrade e ela lançou o olhar naquela direção. Elas estavam na sala de estar de Taraza, um pequeno espaço mobiliado e decorado com elegância em tons de verde. Apenas o imaculado branco da cãodeira a destacava do cenário ao fundo. As janelas em forma de arco, voltadas para o leste, mostravam o jardim e o gramado, com as montanhas longínquas de picos nevados como pano de fundo do Planeta Casa Capitular.

Sem erguer o olhar, Taraza disse:

– Fiquei satisfeita quando você e Lucilla aceitaram a missão. Tornaram minha tarefa muito mais fácil.

– Gostaria de ter conhecido essa Lucilla – disse Odrade, olhando para baixo, em direção ao topo da cabeça de Taraza. A voz de Odrade saiu em contralto suave.

Taraza pigarreou:

– Não havia a necessidade. Lucilla é uma das melhores Impressoras. Cada uma de vocês, é claro, recebeu um

condicionamento liberal idêntico para prepará-las para isso.

Havia algo quase insultuoso no tom de voz casual empregado por Taraza e apenas os hábitos da longa associação atenuaram o ressentimento imediato de Odrade. Isso se devia, em parte, pelo uso da palavra “liberal”, ela percebeu. Os ancestrais Atreides se rebelaram diante dessa palavra. Era como se suas memórias femininas acumuladas se lançassem contra premissas inconscientes e preconceitos não examinados por trás da ideia.

*“Apenas liberais de fato pensam. Apenas liberais são intelectuais. Apenas liberais compreendem as necessidades de seus pares.”*

*Considere a extensão da depravação que jazia escondida naquela palavra!,* pensou Odrade. *Considere a extensão do ego secreto que tem a necessidade de se sentir superior.*

Odrade lembrou a si mesma que Taraza, apesar do tom casual insultuoso, usara o termo apenas em seu sentido abrangente: a educação geral de Lucilla combinara cuidadosamente com a de Odrade.

Taraza reclinou-se em uma posição mais confortável, mas ainda manteve sua atenção no mostrador diante de si. A luz das janelas voltadas para o leste caía diretamente sobre seu rosto, formando sombras entre o nariz e o queixo. Mulher de porte pequeno, um pouco mais velha que Odrade, Taraza conservara muito da beleza que a transformara em uma das reprodutoras mais confiáveis com nobres difíceis. Seu rosto era de um ovalado longo, com macias bochechas curvadas. Prendia o cabelo negro para trás, bem apertado, desde a testa alta até um cume pronunciado. A boca se abria minimamente quando ela falava: um controle soberbo dos movimentos. A atenção de um observador tendia a ser atraída pelos olhos dela: aquele azul sobre azul envolvente. O efeito total era de

uma máscara facial suave, da qual pouco escapava que traísse suas verdadeiras emoções.

Odrade reconheceu a postura atual da Madre Superiora. Taraza resmungaria para si própria dentro em pouco. Realmente, como se planejado para acontecer, Taraza resmungou para si mesma.

A Madre Superiora ponderava enquanto seguia o mostrador biográfico com grande atenção. Muitas questões ocupavam sua atenção.

Esse era um pensamento tranquilizador para Odrade. Taraza não acreditava na existência de um poder benigno que protegesse a humanidade. A Missionaria Protectora e as intenções da Irmandade eram tudo o que valia no universo de Taraza. O que servisse essas intenções, mesmo as maquinações do Tirano, morto há muito, podia ser julgado como bom. Todo o resto era o mau. Intrusões alienígenas dos Dispersados (em especial daquelas descendentes que retornavam se intitulado “Honoráveis Matres”) não mereciam confiança. O próprio povo de Taraza, mesmo as Reverendas Madres que se opunham a ela no Conselho, eram o último recurso das Bene Gesserit, a única coisa digna de confiança.

Ainda sem erguer o olhar, Taraza disse:

– Você sabe quando se comparam os milênios precedentes ao Tirano com aqueles que sucederam a morte dele, a diminuição dos grandes conflitos é fenomenal? Desde o Tirano, o número de tais conflitos caiu para menos de dois por cento do índice anterior.

– Até onde sabemos – disse Odrade.

O olhar de Taraza se ergueu em disparada e depois voltou para baixo:

– O quê?

– Não há como saber quantas guerras foram travadas fora do nosso horizonte. Você tem as estatísticas do povo da Dispersão?

– Claro que não!

– Leto nos domesticou. É isso que você está dizendo – retrucou Odraide.

– Se você prefere colocar as coisas dessa forma. – Taraza inseriu uma marcação em alguma coisa que ela notou em seu mostrador.

– Uma parte do crédito não devia ser do nosso adorador bashar Miles Teg? – perguntou Odrade. – Ou para seus antecessores talentosos?

– Nós escolhemos tais pessoas – respondeu Taraza.

– Não vejo a pertinência dessa discussão marcial – acrescentou Odrade. – Em que isso está conectado com nosso problema atual?

– Existem aqueles que pensam que devemos voltar às condições anteriores ao Tirano com um golpe bem estrondoso.

– Oh? – Odrade contraiu os lábios.

– Vários grupos entre nossos Perdidos que regressam estão vendendo armas para qualquer pessoa que queira ou *possa* comprar.

– Especificidades?

– Armas sofisticadas vêm invadindo Gammu e existe pouca dúvida de que os Tleilaxu andam estocando algumas das armas mais mortais.

Taraza se reclinou para trás e massageou as têmporas. Ela falou em voz baixa, quase meditativa.

– Acreditamos que tomamos decisões nos grandes momentos e fazendo uso dos mais altos princípios.

Odrade também havia reparado nisso anteriormente. Ela disse:

– A Madre Superiora duvida da retidão das Bene Gesserit?

– Duvidar? Ah, não. Mas de fato sinto frustração. Trabalhamos durante toda a vida por esses objetivos altamente refinados e, no

final, o que descobrimos? Descobrimos que várias das coisas às quais dedicamos nossa vida são frutos de decisões mesquinhas. Podem ser rastreadas até desejos de conforto pessoal ou conveniência, os quais nada têm a ver com nossos altos ideais. O que realmente estivera em jogo era algum acordo mundano funcional que satisfizesse as necessidades daqueles que *podiam* tomar as decisões.

– Eu já a ouvir chamar essa situação de necessidade política – disse Odraide.

Taraza falou com um controle firme enquanto voltava sua atenção ao mostrador a sua frente:

– Se institucionalizarmos nossas opiniões, aí sim será uma forma certa de extinguir as Bene Gesserit.

– Você não encontrará decisões mesquinhas em minha biografia – disse Odrade.

– Busco fontes de fraqueza, defeitos.

– Tampouco encontrará tais coisas.

Taraza escondeu um sorriso. Ela reconheceu o comentário egocêntrico: o jeito de Odrade alfinetar a Madre Superiora. Odrade era muito boa em simular impaciência, enquanto na verdade estava suspensa em uma fluidez eterna de paciência.

Uma vez que Taraza não mordeu a isca, Odrade voltou a esperar calmamente; a respiração suave, a mente segura. A paciência vinha sem pensar. Há muito tempo, a Irmandade havia ensinado a ela como dividir passado e presente em fluxos simultâneos. Enquanto observava o ambiente ao seu redor, ela podia selecionar pequenas porções e pedaços de seu passado e viver através deles como se tais fragmentos passassem por uma tela sobreposta ao presente.

*Trabalho memorial*, pensou Odrade. Coisas necessárias para se livrar e deixá-las em repouso. Remover as barreiras. Quando tudo

mais estivesse satisfatório, sempre havia sua infância complicada.

Houve um tempo em que Odrade vivera como a maioria das crianças: em uma casa com um homem e uma mulher que, se não eram seus pais, agiam como se fossem seus guardiães. Todas as outras crianças que ela conhecera naquela época viviam em situações parecidas. Elas tinham *papas* e *mamas*. Às vezes, apenas papa trabalhava fora. Às vezes, apenas mama saía para trabalhar. No caso de Odrade, a mulher permanecia em casa e nenhuma babá cuidava da criança durante o horário de trabalho. Muito tempo depois, Odrade descobrira que sua mãe biológica havia doado uma grande soma em dinheiro para permitir que a pequena menina ficasse escondida em plena vista daquela forma.

– Ela escondeu você conosco porque a amava – a mulher explicara quando Odrade chegara à idade para saber. – É por isso que você jamais deve revelar que não somos seus pais biológicos.

O amor não tinha relação alguma com isso, Odrade descobriu depois. Reverendas Madres não agiam por motivos tão mundanos. A mãe biológica de Odrade era uma irmã Bene Gesserit.

Tudo isso lhe fora revelado em conformidade com o planejamento original. Seu nome: Odrade. Darwi era o nome pelo qual ela sempre fora chamada quando o interlocutor não era afetuoso nem estava irritado. Seus antigos amigos, naturalmente, encurtaram o nome para Dar.

Contudo, nem todas as coisas seguiram exatamente o plano original. Odrade se recordava de uma cama estreita em um quarto decorado por pinturas de animais e de paisagens nas paredes de um tom azul pastel. Cortinas brancas adejavam na janela com a brisa suave da primavera e do verão. Odrade se lembrava de pular naquela cama estreita; uma brincadeira encantadoramente feliz: para cima, para baixo, para cima, para baixo. Muitas risadas. Braços

a pegavam no meio de um salto e a abraçavam forte. Eram braços masculinos: uma face redonda com um pequeno bigode que fazia cócegas, provocando seu riso. Os pulos faziam com que a cama golpeasse a parede e a parede exibia sulcos derivados desse movimento.

No presente momento, Odrade revisitava aquela memória, relutante em descartá-la no poço da racionalidade. Marcas em uma parede. Marcas de risadas e alegria. Eram pequenas demais para o tanto que representavam.

Era estranho que ela pensasse cada vez mais sobre seu papa nesses dias. Nem todas as memórias eram felizes. Havia ocasiões em que ele parecia triste e irritado, avisando à mama que não ficasse “muito envolvida”. O rosto dele refletia muitas frustrações. Sua voz se tornava áspera quando ele estava de mau humor. Mama se comportava com brandura nessas horas, os olhos se enchendo de preocupação. Odrade pressentia a preocupação e o medo e ficava ressentida do homem. A mulher sabia lidar melhor com ele. Ela o beijava na nuca, acariciava seu rosto e sussurrava em seu ouvido.

Essas antigas emoções “naturais” fizeram com que uma analista-censora tivesse muito trabalho em relação a Odrade, antes de serem exorcizadas. Até hoje, contudo, sobravam detritos residuais para colher e descartar. Mesmo agora, Odrade sabia que nem tudo havia sido superado.

Notando o cuidado minucioso com que Taraza estudava seu relatório biográfico, Odrade se perguntou se aquelas não seriam as falhas que a Madre Superiora notara.

*Certamente elas já sabem que consigo lidar com as emoções desses primórdios.*

Ocorrera há tanto tempo. Mesmo assim, ela tinha que admitir que a memória do homem da mulher jazia dentro dela, ligada com tanta força que talvez nunca pudesse ser completamente apagada. Especialmente mama.

A Reverenda Madre *in extremis* que dera à luz a Odrade a colocara naquele esconderijo em Gammu por razões que ela mesma agora compreendia muito bem. Odrade não guardava ressentimentos. Fora necessário para a sobrevivência das duas. Os problemas surgiram em decorrência do fato de a mãe de criação ter dado a Odrade aquele algo que a maioria das mães dá a seus filhos, aquele algo do qual a Irmandade tinha a maior desconfiança: amor.

Quando as Reverendas Madres chegaram, a mãe de criação não lutou pela remoção de *sua* filha. Duas Reverendas Madres vieram com um contingente de censores, tanto homens como mulheres. Mais tarde, Odrade precisou de um longo tempo para entender o significado daquele momento doloroso. A mulher sabia, em seu coração, que o dia da partida chegaria. Era apenas uma questão de tempo. Mesmo assim, conforme os dias se transformavam em anos (quase seis anos-padrão), a mulher ousou ter esperanças.

Então, as Reverendas Madres apareceram com seus ajudantes corpulentos. Elas simplesmente haviam esperado que tudo estivesse seguro, até que tivessem a certeza de que nenhum caçador soubesse que aquela era uma descendente dos Atreides, criada pelas Bene Gesserit.

Odrade vira uma grande soma sendo transferida para sua mãe de criação. A mulher jogara o dinheiro no chão, mas não levantara a voz em objeção. Os adultos na cena sabiam com quem estava o poder.

Conjurando essas emoções constrictas, Odrade ainda conseguia ver a mulher se dirigir a uma cadeira de espaldar reto, localizada ao lado da janela que dava para a rua e ali se abraçar, balançando para trás e para frente, para trás e para frente. Nenhum som vinha de onde ela ficara.

As Reverendas Madres usaram a Voz e seus inúmeros ardis, combinados à fumaça produzida por ervas alucinógenas e sua presença poderosa, para atrair Odrade ao carro de solo que as aguardava.

– Será apenas por um breve intervalo. Sua mãe verdadeira nos enviou.

Odrade pressentiu as mentiras, mas a curiosidade a compeliu. *Minha mãe verdadeira!*

Seu último relance da mulher que fora sua única mãe conhecida era aquela imagem na janela, balançando-se para trás e para a frente, com um olhar de tristeza em seu rosto e os braços envolvendo o próprio corpo.

Mais tarde, quando Odrade mencionara retornar para a mulher, aquela memória-visão foi incorporada em uma lição essencial das Bene Gesserit.

– Amor leva à tristeza. O amor é uma força muito antiga, que serviu seu propósito em sua época, mas não é mais essencial para a sobrevivência da espécie. Lembre-se do equívoco daquela mulher, da dor.

Até uma boa parte da adolescência, Odrade se ajustou recorrendo aos devaneios. Ela só retornou *de fato* depois que se tornou uma Reverenda Madre plena. Ela voltava e encontrava aquela mulher amorosa, encontrava-a ainda que ela não tivesse nome, exceto “mama” e “Sibia”. Odrade recordava da risada dos amigos adultos que chamaram a mulher de “Sibia”.

### *Mama Sibia.*

As irmãs, contudo, perceberam os devaneios e buscaram pela sua fonte. Isso também foi incorporado em uma lição.

– Os devaneios são o primeiro despertar do que chamamos de simulfluxo. Trata-se de um instrumento essencial para o pensamento racional. Graças a ele, é possível clarear a mente para pensar melhor.

### *Simulfluxo.*

Odrade se concentrou em Taraza na mesa da sala de estar. Traumas de infância devem ser colocados cuidadosamente em um lugar-memória reconstruído. Tudo o que havia se passado em Gammu, o planeta que o povo de Dan reconstruíra após os Tempos da Penúria e da Dispersão. O povo de Dan... Caladan, naqueles tempos. Odrade se agarrou de maneira firme ao pensamento racional, usando a força das Outras Memórias que inundaram sua percepção durante a agonia da especiaria, quando ela de fato se tornara uma Reverenda Madre plena.

### *Simulfluxo... o filtro da consciência... Outras Memórias.*

Que instrumentos poderosos a Irmandade lhe dera. Que instrumentos perigosos. Todas as outras vidas jaziam ali, logo atrás da cortina da percepção, instrumentos de sobrevivência e não uma simples forma de satisfazer uma curiosidade fortuita.

Taraza se pronunciou, traduzindo a partir do material que se desenrolava frente a seus olhos:

– Você busca muito dentro de suas Outras Memórias. Esse comportamento suga energias que deveriam ser mais bem conservadas.

Os olhos azul sobre azul da Madre Superiora lançaram um olhar fulminante para Odrade.

– Por vezes você vai ao limite da tolerância carnal. Isso pode levar à morte prematura.

– Tenho cuidado com a especiaria, Madre.

– E deve ter mesmo! Um corpo suporta uma determinada quantidade de mélange, apenas a porção que espreita o próprio passado.

– Encontrou minha falha? – perguntou Odrade.

– Gammu! – Uma palavra que representava um sermão completo.

Odrade sabia. O trauma inevitável daqueles anos perdidos em Gammu. Eles eram uma distração que deveria ser extraída e transformada em algo racionalmente aceitável.

– Mas devo ir a Rakis – retrucou Odrade.

– E cuide para que se lembre dos aforismos de moderação. Lembre-se de quem você é!

Mais uma vez, Taraza se debruçou sobre o mostrador.

*Sou Odrade*, pensou Odrade.

Nas escolas Bene Gesserit, onde prenomes tendiam a sumir, a chamada era feita pelo sobrenome. Amigas e conhecidas adquiriam o hábito de usar o nome da chamada. Elas aprendiam cedo que compartilhar nomes secretos ou privados era um instrumento antigo para ganhar a afeição de alguém.

Taraza, três turmas à frente de Odrade, recebera a atribuição de “conduzir a menina”, uma associação deliberada pelas professoras vigilantes.

“Conduzir” significava certa dose de dominação sobre a jovem, mas também incorporava fundamentos mais bem ensinados por alguém mais próximo de uma relação de parceria. Taraza, com acesso aos registros privados de sua pupila, começou por chamá-la “Dar”. Odrade respondeu chamando Taraza de “Tar”. Os dois nomes

adquiriam uma ligação: Dar e Tar. Mesmo depois de as Reverendas Madres descobrirem e as repreenderem, de vez em quando elas os usavam, ainda que por diversão.

Então Odrade, fitando Taraza, disse:

– Dar e Tar.

Um sorriso se delineou nos cantos dos lábios de Taraza.

– O que está em meus registros que você já não sabe de cor? – indagou Odrade.

Taraza se reclinou para trás e esperou que a cãodeira se ajustasse a sua nova posição. Ela repousou as mãos entrelaçadas sobre a mesa e olhou para a mulher um pouco mais jovem.

*Não tão mais jovem, na verdade,* pensou Taraza.

Desde os tempos de escola, contudo, Taraza pensava em Odrade como alguém que pertencesse inteiramente a uma faixa etária mais jovem, criando uma lacuna que nenhuma passagem de tempo podia fechar.

– Tenha cuidado no início, Dar – alertou Taraza.

– Esse projeto já passou do início há tempos – respondeu Odrade.

– Mas sua participação nele começa agora. Estamos nos lançando em um início que jamais foi tentado antes.

– Devo tomar conhecimento agora sobre todo o plano para este ghola?

– Não.

Ali estava. Toda a evidência de uma disputa de alto nível e a “necessidade de saber” foram colocadas de lado com uma única palavra. Mas Odrade compreendeu. Havia uma rubrica organizacional determinada pela Casa Capitular Bene Gesserit original, que sobrevivera com pouquíssimas mudanças durante milênios. Divisões das Bene Gesserit eram estabelecidas em

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Hereges de Duna"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).